

O maravilhoso primeiro ano de vida¹

Il meraviglioso primo anno di vita

The wonderful first year of life

Barbara Ongari²

Università degli Studi di Trento , UNITN, Itália

Tradução: Maria de Lourdes Bontempi Pizzi

Revisão técnica: Ana Lúcia Goulart de Faria

Resumo

A imensa potencialidade do primeiro ano de vida e de este ser fundamental para o desenvolvimento da personalidade são discutidos aqui em uma perspectiva relacional, evidenciando o significado fundamental da qualidade da interação precoce, verbal e não verbal, entre a criança e as suas educadoras ou educadores. Também é demonstrado o papel fundamental das emoções e das experiências interpessoais na construção da arquitetura da mente infantil.

Palavras-chave: relação pais/mães-criança; neurobiologia do desenvolvimento mental precoce; papel das educadoras; emoções dos adultos.

[Veja também o original em italiano publicado nesta edição.](#)

Sommario

Le immense potenzialità del primo anno di vita ed il loro essere a fondamento dello sviluppo della personalità vengono discusse qui in una prospettiva relazionale, evidenziando il significato fondamentale della qualità delle interazioni precoci, verbali e non verbali, tra il bambino ed i suoi *caregiver*. Viene sottolineato anche il ruolo-chiave delle emozioni e dei vissuti interpersonali nella costruzione dell'architettura della mente infantile.

Parole chiave: Relazione genitore-bambino; neurobiologia dello sviluppo mentale precoce; ruolo dell'educatrice; emozioni degli adulti.

Abstract

The extraordinary potentialities during the first year of life and the fact that they are at the basis of the development of personality are proposed here using a relational prospective. The fundamental significance connected to the quality of the precocious verbal and non-verbal interactions between infants and their *caregiver* is evidenced as well. The key-role of the interpersonal emotions and feelings inside the construction of the infants' mind architecture is highlighted.

1 Tradução do original ONGARI, Barbara. Il meraviglioso primo anno di vita. *Revista Eletrônica de Educação*, UFSCar, v. 7, n. 3, 2013, p. 40-46. <http://dx.doi.org/10.14244/19827199912>.

2 Professora de Psicologia do Desenvolvimento. Em suas pesquisas tem aprofundado o estudo do desenvolvimento socio-emotivo nos primeiros anos de vida, a partir da perspectiva da teoria do apego, do qual resultou um número elevado de publicações. Há muitos anos se ocupa da formação de educadores para a primeira e segunda infância. Em 2006, como pró-reitora do Sistema Educativo e de Suporte aos pais da universidade, criou a creche para as crianças filhas dos funcionários segundo um modelo experimental inovador.

Keywords: Parent-children relationship; neurobiology of mental development in childhood; role of the *caregiver*; adults' emotions.

Os pais estão imersos no “Kairòs”, que significa o tempo oportuno de estar com o outro” (VALLINO, 2006, p. 143)

Tornar-se mãe e pai é uma das experiências emotivamente mais intensa, potencialmente transformadora e duradoura da vida adulta. A chegada de uma criança representa um “novo início”. Para a família, e em geral para a comunidade, uma nova criança encarna a esperança que torna possíveis os desejos e os sonhos ainda não realizados. A capacidade de encarregar-se de um recém-nascido pode verdadeiramente ser considerada como uma das mais importantes experiências do desenvolvimento adulto.

O processo de tornar-se mãe e pai não é só um fato ligado à evolução genética, ou um simples papel, mas é também um processo multideterminado e evolutivamente aberto, que transcorre durante todo o percurso de vida dos indivíduos. Com a chegada do recém-nascido, a vida adulta se enriquece com uma nova pessoa que, por sua vez, para crescer de forma harmônica e adaptada, possui uma necessidade absoluta das relações com os outros o pai, a mãe (ou as educadoras e educadores). No momento em que chega ao mundo cada bebê traz consigo a especificidade da própria hereditariedade biológica e algumas características individuais de todo únicas, como a estrutura bio-fisiológica e características de temperamento. Também ao nascer já são fortemente ativas as predisposições inatas e o impulso motivacional primário para criar relações significativas com quem está a sua volta e se ocupa de cuidá-lo. Contudo, sabemos também, que cada recém-nascido está, acima de tudo, no centro do cruzamento dos olhares dos adultos, de suas fantasias inconscientes, de suas esperanças e expectativas, as quais influenciam grandemente a qualidade dos cuidados que lhe são ofertados.

Ocupar-se com amor do recém-nascido importa em uma grande responsabilidade, desde que significa considerar como primeiro objetivo o desenvolvimento das suas potencialidades específicas, respondendo às suas necessidades muito pessoais, pondo atenção a não sobrepor as próprias necessidades e motivações adultas sobre as da criança. Esta está pronta para aprender a amar, para criar uma forte ligação entre si e a mãe, o pai (ou as educadoras e educadores): mas estes devem fazê-lo primeiro.

Como sustenta Maria Robinson (ROBINSON, 2003, p.9) “o amor em ação” é um processo fortemente dinâmico e exigente. O que, então, se exige da mãe, do pai (ou das educadoras e educadores)?

Antes de tudo ser sensível aos modos de comunicação expressos pela criança através do seu corpo: o contato com a pele, mediante o olhar, as expressões faciais, vocais, o choro e o sorriso. Para o bebê a primeira fonte de prazer está ligada aos odores, aos sons e a como vem sendo tocado. Estar em braços aconchegantes permite construir para si a experiência emotiva de estar contido no próprio estado interno e ser apoiado pelo outro. O contato através do olhar se torna a principal fonte de informações sobre os sentimentos e as intenções de quem o circunda: porque estes são lidos no rosto. Sue Gerhardt fala do “poder do sorriso” como do mais extraordinário e forte organizador da vida mental do ser humano, sobretudo no início da vida (GERHARDT, 2004, p.

41). Os estudos sobre o desenvolvimento neurológico do cérebro têm confirmado que para o desenvolvimento de um cérebro social e emotivamente inteligente as interações entre criança e educadoras, baseadas em olhares positivos e sorrisos, representam os fatores mais importantes (SHORE, 1994).

Outra capacidade fundamental que se requer dos adultos educadores é a de acolher de modo diferenciado as diversas necessidades que marcam o dia a dia do recém-nascido: o tempo da quietude e do repouso, a segurança dos ritmos cotidianos repetidos, o calor seja físico ou emotivo e também a oportunidade de interessar-se pelo mundo externo.

A prestação de cuidados quando das necessidades fisiológicas requer calma e sabedoria sobre o que elas significam para o desenvolvimento mental da criança. Seu corpo guarda o tesouro de sua mente em formação. A criança aprende a reconhecer e a discriminar os toques das mãos, os odores, as vozes das pessoas que lhe dispensam cuidados de modo atento, com empatia e delicadeza e essas informações são a base da sua imagem interna: de si como pessoa íntegra e merecedora de cuidado amoroso, do outro, como capaz de oferecer-lhe a recuperação da sensação de bem-estar de que necessita (depois de haver se alimentado, ter suas roupas trocadas, ter repousado, ser acalmada depois do receio por qualquer pequeno acontecimento inesperado...).

A expressão facial do adulto constitui-se em ponto de referência social que guia a criança possibilitando-lhe a construção de um mundo dotado de sentido: o papai sorri quando a olha comendo? A expressão de alegria na face do pai se torna para a criança o espelho através do qual dá significado e depois um nome à experiência e às próprias emoções. O que significa, ao contrário, encontrar-se defronte a um rosto aborrecido ou visivelmente desgostoso do adulto que se ocupa de limpá-lo e de trocá-lo? Ou a pressa de mãos precipitadas que lhe trocam as fraldas? O bebê não pode ter a imagem de que suas funções corpóreas, que nessa fase da vida representam todo o seu patrimônio de possibilidades, sejam uma experiência desagradável para os seus educadores ou educadoras.

O adulto deve estar então emotivamente disponível, uma vez que estar fisicamente presente está bem longe de ser suficiente! A mãe, o pai (e as educadoras) que não estão em sintonia emotiva com a criança pequenininha, muitas vezes por causa de sua dificuldade em perceber e regular seus próprios sentimentos, lhes transmitem a própria dificuldade de equilíbrio emocional, deixando-a só e sem um claro senso do que sucede dentro e fora dela. Isso acontece particularmente em face de emoções negativas (raiva, hostilidade): se o adulto não aprendeu a processá-las adequadamente, não será capaz de suportá-las no comportamento da criança. Esta, por sua vez, aprenderá a evitar de exprimir seus sentimentos, chegando mesmo a negar a existência deles, para não provocar a ira ou o comportamento agressivo no adulto: invertendo assim os papéis, e se tornando protetora dos próprios pais. Isso trará consequências importantes para o funcionamento posterior da personalidade da criança. Daniel Stern nos tem ensinado que a nossa vida mental é fruto de um processo contínuo e complexo de co-criação de acontecimentos e de significados com as mentes dos outros (STERN, D. N.; HOFER, L.; DORE, J., 1998). Desde os primeiros estágios da vida, a evolução gradual da mente na criança, portanto, tem uma matriz intersubjetiva. A pequena criança percebe as intenções do outro, através da leitura do comportamento

explícito apresentado por aqueles que o rodeiam, de modo que “o pai, a mãe ‘refletem’ na criança a sua experiência. [...] esse processo se reveste de uma função essencial no compartilhamento social da experiência, em particular da experiência afetiva e na aquisição de um senso de si” (STERN, D. N.; HOFE, L.; DORE, J., 1998, p. 161).

Durante o primeiro ano de vida a arquitetura da mente parece estar ligada às interações precoces e reflete a qualidade e a quantidade da troca social. Relações calorosas, seguras, previsíveis e repetidas promovem a construção da arquitetura cerebral, a resiliência e a capacidade da criança de dar respostas adequadas. O poder gozar, nos primeiros meses, de rotinas estáveis e previsíveis oferece um suporte externo para o amadurecimento cerebral e para a construção de um sistema nervoso dotado de flexibilidade, capaz de lidar com os crescentes níveis de estimulação.

O modo como o bebê vem sendo cuidado, desde os primeiros instantes e durante todo o primeiro ano, dá suporte ao desenvolvimento da capacidade de desenvolver progressivamente formas de autorregulação, que consistem em saber adaptar-se e reagir de modo flexível às exigências do mundo exterior. Desde os primeiros dias, no espelhamento emocional fornecido pelos pais/mães, aumenta a autoconsciência da experiência interior: dos estados internos, das emoções e de tudo que se pode esperar. Ao longo do desenvolvimento, o processo de autorregulação interage de forma contínua com o desenvolvimento de estratégias para a relação com os outros, num movimento recíproco e simultâneo. A capacidade da criança de gerenciar as próprias emoções de modo flexível e adaptado lhe permite tanto aprender a reconhecer a vasta gama de informações relativas a si e aos outros, como a instaurar relações de troca construtiva com o ambiente. A autorregulação emotiva consiste mesmo nessa habilidade flexível e altamente adaptada que permite mentalizar os afetos: a criança descobre o significado subjetivo das diversas emoções que experimenta a todo momento.

Aprendendo progressivamente a regular as emoções, se torna também capaz de selecionar e de elaborar as informações úteis para a construção de um senso de si. Naturalmente, nesse percurso, há importantes diferenças individuais na capacidade de regulação emocional, as quais dependem de fatores como o temperamento e a cultura a que pertence.

Um pai ou mãe (ou uma educadora, educador) sensível se dá conta que cada criança é diferente da outra quanto à capacidade de regular as emoções e a envolve em interações atentas e empáticas, baseadas no reconhecimento dos tempos internos subjetivamente diversos: esperando que a criança amadureça a própria capacidade de enfrentar as diferentes situações. O papel do adulto é fundamental para auxiliar a criança a reduzir e a redimensionar o nível de estresse e a aprender a enfrentar as situações frustrantes, redirecionando a energia e não recuando até que a criança recupere um estado de equilíbrio tranquilo.

Com o crescimento, a capacidade de autorregulação emocional permite à criança exprimir, manter, reorientar e inibir as próprias emoções, incrementando ou reduzindo o próprio nível de resposta requerido pelas situações externas, e conseguindo assim lidar com as frustrações.

Ao contrário, experiências relacionais estressantes durante o primeiro ano de vida aumentam o nível de cortisol³, destruindo as redes sinápticas e empobrecendo o cérebro.

É fundamental, portanto, que os bebês se sintam livres para exprimirem as emoções, sem serem oprimidos ou forçados por manobras inibitórias, sentindo que podem contar com adultos solícitos: o papel das educadoras e educadores é o de guiar, não de controlar. As emoções expressas pelo bebê assinalam para a educadora o momento de intervir, apoiando, regulando e ajudando-o a lidar com os sentimentos negativos. É fundamental proporcionar um contexto interpessoal altamente previsível e antecipável. Nesse jogo recíproco e responsivo de trocas comunicativas, os bebês estão prontos a se tornarem parceiros colaborativos e cúmplices e aprendem a enfrentar as situações difíceis, porquanto a confiança na educadora ou educador gera confiança em si e nos outros (ELFER; GOLDSCHMIED; SELLECK, 2003). “Todas as funções vitais do bebê, prontas para serem ativadas, tomam forma e direções específicas em coordenação com as pessoas ao seu redor, no âmbito do mundo social circundante, com hábitos, regras sociais, respostas de todo peculiares a cada grupo familiar e social” (ONGARI, 2012, p. 31).

Silvia Vegetti Finzi afirma que “somente com a linguagem poética se pode aproximar de um bebê, por sua capacidade de aludir, de metamorfosear, de tocar o real que pode chegar lá onde a palavra muitas vezes não chega”: aludindo com isto à necessidade de o adulto criar uma pluralidade de canais comunicativos e expressivos, caracterizados pela sutileza, pela delicadeza e pela capacidade de recuperar dentro de si as partes mais ternas (FINZI, 2006, p.258).

A tarefa de entrar em sintonia com uma criança pequenininha e vir a conhecê-la é certamente uma das mais difíceis. Comete-se enganos com frequência, porquanto o erro faz parte do jogo dos espelhos da construção de cada nova relação. Mas, como sustenta Dina Vallino “uma virtude importante dos pais e mães parece ser aquela de saber corrigir continuamente os próprios erros” (VALLINO; MACCIÒ, 2006, p.19). Isso é válido também para os outros educadores e educadoras, que a cada dia possam aprender novas maneiras e ter novas ideias para se relacionar com o bebê.

Mas amar um bebê significa também propiciar-lhe um ambiente interessante, que nutra a sua curiosidade, predispondo um espaço de vivência que lhe ative o desejo de explorar e oferecendo-lhe objetos que possibilitem usos multifuncionais e atividades compartilhadas com grandes e pequenos: os olhos “agarram” primeiro do que as mãos, juntos levam tudo ao sabor da boca e o prazer da descoberta é expressa pelos movimentos dos pés. Elinor Goldschmied, através do Cesto dos Tesouros, trouxe evidências irrefutáveis do fato de que “os bebês nos mostram claramente como selecionar e descartar os objetos, sempre retornando àquele preferido” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 1994, p.117).

A descoberta do mundo dos objetos físicos é uma aventura muito excitante e também muito séria. Cada coisa tem uma qualidade física altamente específica (cor, consistência, peso, forma, odor, sabor) que os bebês estudam com atenção. É

3 Cortisol é o hormônio do estresse, ajustado no cérebro no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Aumenta em situações estressantes e quando o aumento é crônico prejudica o funcionamento químico do cérebro. Atualmente, também é utilizado na pesquisa como medida biológica do apego.

fundamental que os adultos alimentem a mente que está começando a organizar o conhecimento das coisas ao redor. Eis o motivo pelo qual Goldschmied tem sublinhado a importância de oferecer uma “dieta” rica e variada para o desenvolvimento da mente nos primeiros meses, pondo a criança em contato com uma gama ampla e diferenciada de objetos a serem explorados, assim como se procura dar-lhe uma alimentação bem variada e capaz de suprir suas necessidades nutricionais.

Enfim, durante o primeiro ano de vida, as crianças pequenas aprendem a descobrir-se através dos outros.

A alegria da descoberta dos olhos, das mãos, do corpo do seu igual está ligada a uma espécie de espelhamento emocional. A criança se reflete nos olhares atentos e curiosos do outro, o sorriso é contagioso e convida à imitação. Ser objeto dos olhares de alguém parecido com ela, nesse período evolutivo que precede a capacidade de trocas físicas, cria uma expectativa social: o poder criar um entendimento com alguém, uma relação de interesse recíproco. Às trocas de olhares e dos toques com as mãos seguirá mais tarde a possibilidade de criar uma ponte com o outro através dos objetos: por volta do final do primeiro ano de vida isso se torna o canal preferido para interagir com seus iguais.

Desde muito pequenas as crianças são capazes de compartilhar afetos, de serem empáticas e de compreenderem os estados afetivos e mentais das outras crianças, como é demonstrado pelos estudos sobre crianças institucionalizadas, as quais preferem estar perto umas das outras, tratando de consolarem-se reciprocamente e de compartilharem a felicidade de estarem juntas.

A partir de estudos sobre irmãos temos hoje evidência científica que as crianças diferenciam precocemente os próprios estados emotivos, tendo por base o reconhecimento das emoções e pensamentos dos irmãos mais velhos.

Para concluir, a construção da segurança emocional, no primeiro ano de vida, é fruto de um processo complexo que se baseia num contexto social inicialmente coerente, estável e atento às diferentes necessidades de relação com os adultos, com as outras crianças e com os objetos. E é uma grande alegria para os mais velhos fazerem parte disso.

Não se pode fugir todavia de uma espécie de paradoxo na percepção do tempo por parte dos pais e mães (educadoras ou de quem cuida das(os) pequenininhas(os)). De um lado a troca de emoções e a comunicação entre os corpos pode ser percebida como um tempo que flui lentamente. A dança a dois é medida por gestos lentos, medidos e harmoniosos. De outro lado, se se considerar a magnitude das mudanças e a quantidade de conquistas que dia após dia o bebê adquire no espaço de um ano, poder-se-á não dar-se conta da extrema velocidade de como tudo acontece. As conquistas de cada dia se tornam *pietre miliari*⁴: os primeiros olhares, os sorrisos do segundo mês, as “con-versações” (no sentido de comunicar-se em versos), do terceiro mês, o de responder ao próprio nome no quarto mês, o desejo de obter atenção por parte de outra mente do sexto mês em diante... Estamos assistindo à construção lenta e ao

4 *Pietri miliare* eram marcos de pedras que marcavam as distâncias em milhas nas antigas estradas romanas.

Figuradamente uma *pietra miliare* pode significar um acontecimento, um marco, algo importante que possa vir a ser considerado ponto de referência de um processo histórico, científico, étnico, cultural ou de conquistas individuais. N.T.

mesmo tempo muito rápida do senso de si. De uma nova pessoa que se junta, com sua singularidade, à cena social.

Bibliografia

- ELFER, P.; GOLDSCHMIED, E.; SELLECK, D.Y. **Key persons in the nursery**. London: David Fulton publisher, 2003. Trad. it. B. Ongari (a cura di). *Persone chiave al nido*. Bergamo: Edizioni Junior, 2010.
- FINZI, S. V. Post-fazione alla seconda edizione. **Essere neonati**. Osservazioni psicoanalitiche. Roma: Borla, p. 256-264, 2006.
- GERHARDT, S. **Why love matters**. New York: Routledge, 2004.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Persone da zero a tre anni**. Bergamo: Junior, 1994.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**. O atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ONGARI, B. Le pratiche di cura come fondamento del sé e delle relazioni. In: ONGARI, B.; TOMASI, F. (Ed). **Nido di infanzia 5**. Prospettive di ricerca e spunti per la formazione. Trento: Erickson, p.29-41, 2012.
- ROBINSON, M. **From birth to one**. The year of opportunity. Open University Press, Maidenhead: McGraw-Hill, 2003.
- SHORE, A. N. Origini della psicopatologia dello sviluppo. In: MURATORI, F. **La nascita della vita mentale ed i suoi disturbi**. Tirrenia (PI): Edizioni del Cerro, p.41-87, 1994.
- STERN, D. N.; HOFER, L.; DORE, J. La sintonizzazione affettiva. In: STERN, D.N. **Le interazioni madre-bambino**. Milano: R. Cortina, 1998.
- VALLINO, D. ; MACCIÒ, M. **Essere neonati**. Osservazioni psicoanalitiche. Roma: Borla, 2006.